

SEGUNDA-FEIRA / 02 DE JANEIRO / 2023 WWW.ARQUIDIOCESE-BRAGA.PT

Este suplemento é parte integrante da edição n.º 33411 do Diário do Minho. Não pode ser vendido separadamente.

ESPECIAL BENTO XVI

"EM FÁTIMA, REZEI PELO MUNDO INTEIRO PEDINDO QUE O FUTURO TRAGA MAIOR FRATERNIDADE E SOLIDARIEDADE, UM MAIOR RESPEITO RECÍPROCO E UMA RENOVADA CONFIANÇA E CONFIDÊNCIA EM DEUS, NOSSO PAI QUE ESTÁ NOS CÉUS."

Alargar a racionalidade

D. JOSÉ CORDEIRO

ARCEBISPO METROPOLITA DE BRAGA



Recordo com viva gratidão a eleição do Cardeal Joseph Ratzinger para a missão petrina, em 2005. Estava em Roma e fui convidado a comentar para a RTP os acontecimentos: as exéquias de São João Paulo II; o conclave; o dia do fumo branco e o início do ministério petrino de Bento XVI.

Bento XVI salientou claramente o grande mistério da fé da Igreja: "No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e com isto a orientação decisiva".

Analogamente, "na raiz de cada evangelização não existe um desígnio humano de expansão, mas sim o desejo de partilhar o dom inestimável que Deus nos quis conceder, comunicando-nos a sua própria Vida". Para proclamar de modo fecundo a Palavra do Evangelho, exige-se sobretudo que se viva uma profunda experiência de Deus.

No entanto, o caminho do homem jamais pode dizer-se completo, e o perigo de cair na desumanidade nunca está afastado de todo: como se vê no panorama da história atual! O perigo do mundo ocidental para falar somente dele é que o homem hoje, precisamente à vista da grandeza do seu saber e do seu poder, desista diante da questão da verdade; significando isto ao mesmo tempo que, no fim de contas, a razão cede face à pressão dos interesses e à atração da utilidade, obrigada a reconhecê-la como critério derradeiro.

O Papa Bento XVI deixa-nos um legado que nos desafia a alargar a racionalidade, isto é, à harmonia da fé e da razão na construção de um mundo melhor: "As palavras de Jesus nunca cessam de ser maiores do que a nossa razão; superam, sempre de novo, a nossa inteligência... Crer significa submeter-se a esta grandeza e crescer pouco a pouco rumo a ela".

Falecimento do Papa Bento XVI

Comunicado da CEP



É com enorme tristeza que recebemos a notícia da morte, aos 95 anos, do Papa Emérito Bento XVI. Queremos exprimir a nossa oração por Bento XVI, intercedendo para que o Senhor o acolha na sua comunhão eterna, e por toda a Igreja que vive este momento de luto na esperança da ressurreição.

Bento XVI fica para sempre na história da Igreja pela receção e aplicação das orientações do Concílio Vaticano II, consolidando, no seguimento de São Paulo VI e São João Paulo II, aspetos fundamentais do percurso da vida da Igreja com a sua solidez teológica aliada à dimensão pastoral evangelizadora; pelo vasto e profundo magistério apostólico, nomeadamente a primeira encíclica "Deus Caritas Est" a pautar todo o seu pontificado; pelo diálogo entre razão e fé, fomentando o constante diálogo com a cultura; pelo despertar para a purificação e reforma da Igreja em coerência com os princípios eclesiais.

Como afirmou hoje o Presidente da CEP, «Bento XVI é um homem que, na sua biografia, conta com uma posição fundamental, sobretudo nos campos da racionalidade, da relação entre razão e fé. É um Papa que me habituei a ler como indicador da teologia do Vaticano II, na sua seriedade e fundamentação, no horizonte da fé para o homem moderno».

A coragem de ter pedido a resignação quando já não sentia condições para continuar o exercício do seu ministério fica como legado e lição para a história da Igreja na compreensão coerente do ministério petrino.

As dioceses e todas as comunidades cristãs e religiosas reconhecem o carinho que Bento XVI nutria por Portugal, nomeadamente aquando da sua significativa visita em 2010, e manifestam a sua união neste momento de dor e de esperança, com tempos de oração e outras expressões agradecidas, invocando o eterno descanso de Bento XVI junto de Deus Pai.

Lisboa, 31 de dezembro de 2022

"SOU SIMPLEMENTE UM PEREGRINO QUE INICIA A ÚLTIMA ETAPA DA SUA PEREGRINAÇÃO NESTA TERRA. MAS QUERO AINDA, COM O MEU CORAÇÃO, O MEU AMOR, COM A MINHA ORAÇÃO, A MINHA REFLEXÃO, COM TODAS AS MINHAS FORÇAS INTERIORES, TRABALHAR PARA O BEM COMUM, O BEM DA IGREJA E DA HUMANIDADE. E SINTO-ME MUITO APOIADO PELA VOSSA SIMPATIA. UNIDOS AO SENHOR, VAMOS PARA DIANTE A BEM DA IGREJA E DO MUNDO."

SAUDAÇÃO AOS FIÉIS EM CASTEL GANDOLFO, APÓS A RENÚNCIA

O ADEUS A BENTO XVI

"Quanto mais formos tocados pela misericórdia do Senhor, tanto mais entramos em solidariedade com o seu sofrimento, tornamo-nos disponíveis para completar na nossa carne o que falta aos padecimentos de Cristo."



"Bento XVI voltou à Casa do Pai" dizia o comunicado do Vaticano. "Com pesar informo que o Papa Emérito Bento XVI faleceu hoje às 9h34, no Mosteiro Mater Ecclesiae, no Vaticano", dizia a nota do diretor da Sala de Imprensa, Matteo Bruni, divulgada na manhã do dia 31 de janeiro.

Os sinos do Vaticano ressoaram na manhã de sábado para comunicar o ocorrido. Bruni também anunciou que Bento XVI recebeu a Unção dos Enfermos na última quarta-feira no final da missa no mosteiro e na presença dos Memores Domini, que o assistem diariamente há anos.

"Com comoção, recordamos a sua pessoa tão nobre, tão amável. E no coração sentimos tanta gratidão: gratidão a Deus por tê-lo dado à Igreja e ao mundo; gratidão a ele, por todo o bem que fez e, sobretudo, por seu testemunho de fé e oração, especialmente nestes últimos anos de sua vida retirada. Só Deus conhece o valor e a força da sua intercessão, dos seus sacrifícios oferecidos pelo bem da Igreja", disse o Papa Francisco sobre o Papa Emérito Bento XVI, durante a celebração das Vésperas no mesmo dia, na Basílica de São Pedro, em Roma.

Segundo informações da Santa Sé, o corpo do Papa Emérito estará na Basílica de São Pedro para a saudação dos fiéis a partir da segunda-feira, 2 de janeiro. O funeral será na quinta-feira, 5 de janeiro, às 9h30, na Praça de São Pedro, presidido pelo Papa Francisco, segundo as informações da Sala de Imprensa do Vaticano.

Os últimos dias

As condições de saúde de Bento XVI tinham-se agravado nesta última sema-

na. Na quarta-feira, o Papa Francisco pediu orações à toda Igreja pela saúde do Papa Emérito.

Bento XVI tornou-se Papa em 19 de abril de 2005, logo após a morte de São João Paulo II e tornou-se Emérito em 28 de fevereiro de 2013. A renúncia por motivos de saúde foi a primeira em quase seis séculos. Desde a renúncia o Papa Emérito vivia no mosteiro Mater Ecclesiae, no Vaticano.

O Papa Emérito visitou Portugal durante o seu pontificado, entre os dias 11 e 14 de maio de 2010, em Viagem Apostólica pelo 10º aniversário da beatificação de Jacinta e Francisco, pastorinhos de Fátima. Ele esteve nas cidades de Lisboa, Fátima e Porto.

Bento XVI e sua história

Joseph Ratzinger nasceu em Marktl am Inn, no território da Diocese de Passau, na Alemanha, a 16 de Abril de 1927. "O seu pai era um comissário de polícia e provinha de uma família de agricultores da Baixa Baviera, cujas condições económicas eram bastante modestas. A mãe era filha de artesãos de Rimsting, no lago de Chiem, e antes de casar tinha trabalhado como cozinheira em vários hotéis", pode ler-se na biografia oficial publicada pela Santa Sé.

Joseph Ratzinger passou a sua infância e a sua adolescência em Traunstein, uma pequena cidade perto da fronteira com a Áustria, a cerca de trinta quilómetros de Salisburgo, onde terá recebido a sua formação "cristã, humana e cultural". De 1946 a 1951 estudou Filosofia e Teologia na Escola Superior de Filosofia e Teologia de Frisinga e na Universidade de Munique.

A 29 de Junho de 1951 foi ordenado sacerdote. Um ano mais tarde, o Pe. Jo-

seph Ratzinger iniciou a sua actividade didáctica na mesma Escola de Frisinga onde tinha sido estudante.

Em 1953 formou-se em Teologia com uma dissertação sobre o tema: "Povo e Casa de Deus na Doutrina da Igreja de Santo Agostinho".

Em 1957 fez a livre docência com o conhecido professor de Teologia Fundamental de Munique, Gottlieb Söhngen, com um trabalho sobre "A teologia da história de São Boaventura".

Depois de um cargo de Dogmática e de Teologia Fundamental na Escola Superior de Frisinga, prosseguiu a sua actividade de ensino em Bonn (1959-1969), em Monastério (1963-1966) e em Tübinga (1966-1969).

A partir de 1969 foi professor de Dogmática e de História dos Dogmas na Universidade de Ratisbona, onde desempenhou também o cargo de Vice-Reitor da Universidade.

A sua intensa actividade científica levou-o a desempenhar importantes cargos no âmbito da Conferência Episcopal Alemã, na Comissão Teológica Internacional.

A 25 de Março de 1977, o Papa Paulo VI nomeou-o Arcebispo de Monastério e Frisinga. Recebeu a ordenação episcopal no dia 28 de Maio do mesmo ano: foi o primeiro sacerdote diocesano que assumiu, depois de oitenta anos, o governo pastoral da grande Diocese da Baviera. Escolheu como mote episcopal "Colaboradores da Verdade".

O Papa Montini criou-o Cardeal, do Título de Santa Maria Consoladora no Tiburtino, no Consistório de 27 de Junho de 1977.

Foi Relator na Quinta Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, em 1980, sobre o tema da Família cristã no mundo contemporâneo.

A 25 de Novembro de 1981, João Paulo II nomeou-o Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Foi também Presidente da Pontifícia Comissão Bíblica e da Comissão Teológica Internacional. A 15 de Fevereiro de 1982 renunciou ao governo pastoral da Arquidiocese de Monastério e Frisinga. A 5 de Abril de 1993 foi chamado a fazer parte da Ordem dos Bispos e tomou posse do Título da Igreja Suburbicária de Velletri-Segni.

No dia 6 de Novembro de 1998 foi nomeado Vice-Decano do Colégio Cardinalício e a 30 de Novembro de 2002 tornou-se Decano: tomou posse do Título da Igreja Suburbicária de Ostia.

Até à eleição como Pontífice foi Membro do Conselho da II Sessão da Secretaria de Estado, das Congregações para as Igrejas Orientais, do Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, para os Bispos, para a Evangelização, para a Educação Católica, do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, da Pontifícia Comissão para a América Latina e da Pontifícia Comissão "Ecclesia Dei".

A 19 de Abril de 2005 foi nomeado como sucessor de João Paulo II. Renunciou ao Pontificado a 28 de Fevereiro de 2013.

A Arquidiocese de Braga une-se agora em oração e agradece a Deus pelo seu ministério e pelo dom da sua vida. Paz à sua alma!







Foto Avelino Lima
Recordação Diário do Minho

JOSEPH ALOISIUS RATZINGER

16/04/1927 - 31/12/2022



BREVE BIOGRAFIA

Joseph Ratzinger nomeado Cardeal em 1977 e Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé em 1981, Decano do Colégio Cardinalício desde 2002, nasceu em Marktl am Inn, no território da Diocese de Passau (Alemanha), a 16 de Abril de 1927.

Seu pai era um comissário de polícia e provinha de uma família de agricultores da Baixa Baviera, cujas condições económicas eram bastante modestas. A mãe era filha de artesãos de Rimsting, no lago de Chiem, e antes de casar tinha trabalhado como cozinheira em vários hotéis.

Transcorreu a sua infância e a sua adolescência em Traunstein, uma pequena cidade perto da fronteira com a Áustria, a cerca de trinta quilómetros de Salisburgo. Recebeu neste contexto, que ele mesmo definiu "mozartiano", a sua formação cristã, humana e cultural.

O tempo da sua juventude não foi fácil. A fé e a educação da sua família preparou-o para a dura experiência dos problemas relacionados com o regime nazista: ele recordou ter visto o seu pároco açoitado pelos nazistas antes da celebração da Santa Missa e de ter conhecido o clima de grande hostilidade em relação à Igreja católica na Alemanha.

Mas precisamente nesta complexa situação, descobriu a beleza e a verdade da fé em Cristo e foi fundamental o papel da sua família que continuou sempre a viver um testemunho cristalino de bondade e de esperança radicada na pertença consciente à Igreja.

De 1946 a 1951 estudou filosofia e teologia na Escola superior de filosofia e teologia de Frisinga e na Universidade de Munique.

Em 29 de Junho de 1951 foi ordenado sacerdote. Em 1953 formou-se em teologia com uma dissertação sobre o tema: "Povo e Casa de Deus na Doutrina da Igreja de Santo Agostinho".

Entre as suas publicações, numerosas e qualificadas, teve particular eco a "Introdução ao cristianismo" (1968), uma colectânea de lições universitárias sobre a "profissão de fé apostólica". Em 1973, foi publicado o volume: "Dogma e Revelação", que reúne os ensaios, as meditações e as homilias dedicadas à pastoral.

De grande valor, central na vida do Pastor Ratzinger, foi a experiência proveitosa da sua participação no Concílio Vaticano II, nas vestes de "perito", experiência que ele viveu também como confirmação da própria vocação por ele mesmo definida "teológica". A 25 de Março de 1977 o Papa Paulo VI nomeou-o Arcebispo de Monastério e Frisinga.

Recebeu a ordenação episcopal no dia 28 de Maio do mesmo ano: foi o primeiro sacerdote diocesano que assumiu, depois de oitenta anos, o governo pastoral da grande Diocese da Baviera. Escolheu como

mote episcopal: "Colaboradores da Verdade".

O Papa Montini criou-o e publicou-o Cardeal, do Título de Santa Maria Consoladora no Tiburtino, no Consistório de 27 de Junho de 1977.

Foi Relator na Quinta Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos (1980) sobre o tema da Família cristã no mundo contemporâneo. Foi Presidente Delegado da Sexta Assembleia (1983) que teve por tema a reconciliação e a penitência na missão da Igreja... A sua palavra ofereceu um contributo fundamental de reflexão e de confronto para o desenvolvimento de todos os Sínodos dos Bispos.

A 25 de Novembro de 1981 João Paulo II nomeou-o Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Foi também Presidente da Pontifícia Comissão Bíblica e da Comissão Teológica Internacional. A 15 de Fevereiro de 1982 renunciou ao governo pastoral da Arquidiocese de Monastério e Frisinga.

O seu serviço como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé foi incansável e é quase impossível enumerar o seu trabalho no espaço de uma biografia. A sua obra como Colaborador de João Paulo II foi contínua e preciosa.

Entre os numerosos pontos firmes da sua obra, destacamos o papel de Presidente da Comissão para a Preparação do Catecismo da Igreja Católica.

A 5 de Abril de 1993 foi chamado a fazer parte da Ordem dos Bispos e tomou posse do Título da Igreja Suburbicária de Velletri-Segni.

No dia 6 de Novembro de 1998 foi nomeado Vice-Decano do Colégio Cardinalício e a 30 de Novembro de 2002 tornou-se Decano: tomou posse do Título da Igreja Suburbicária de Ostia.

Até à eleição para a Cátedra de Pedro foi Membro do Conselho da II Sessão da Secretaria de Estado; das Congregações para as Igrejas Orientais, do Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, para os Bispos, para a Evangelização, para a Educação Católica; do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos; da Pontifícia Comissão para a América Latina e da Pontifícia Comissão "Ecclesia Dei".

Por ocasião do seu cinquentenário de ordenação sacerdotal, João Paulo II enviou-lhe uma mensagem na qual, referindo-se à coincidência do seu jubileu com a solenidade litúrgica dos Santos Pedro e Paulo, com palavras de certa forma "proféticas" lhe recordava que "em Pedro ressalta o princípio de unidade, fundado na fé firme como a rocha do Príncipe dos Apóstolos; em Paulo a exigência intrínseca do Evangelho de chamar cada homem e cada povo à obediência da fé. Estas duas dimensões conjugam-se no testemunho comum de santidade, que cimentou a generosa dedicação dos dois apóstolos ao serviço da imaculada Esposa de Deus. Como não ver nestas duas componentes perguntava João Paulo

II também as coordenadas fundamentais do caminho que a Providência dispôs para Si, Senhor Cardeal, chamando-o ao Sacerdócio?".

A ele foram confiadas as meditações da Via-Sacra de 2005 celebrada no Coliseu. Nesta inesquecível Sexta-Feira Santa, João Paulo II, estreitando a si o Crucifixo, num "ícone" comovedor de sofrimento, ouviu em silencioso recolhimento as palavras daquele que iria ser o seu Sucessor na Cátedra de Pedro.

Só vinte e quatro horas depois da morte de João Paulo II, recebendo em Subiaco o "Prémio São Bento" promovido pela Fundação sublacense "Vida e Família", recordou com palavras hoje particularmente eloquentes: "Precisamos de homens como Bento de Núrcia, que num tempo de dissipação e de decadência, se imergiu na solidão mais extrema, conseguindo, depois de todas as purificações que teve que sofrer, alcançar a luz. Voltou e fundou Montecassino, a cidade sobre o monte que, com tantas ruínas, reuniu as forças com as quais se formou um mundo novo. Assim Bento, como Abraão, tornou-se pai de muitos povos".

Na sexta-feira, 8 de Abril, ele como Decano do Colégio Cardinalício presidiu à Santa Missa das exéquias de João Paulo II na Praça de São Pedro. "Segue-me!", foi a palavra-chave, a ideia-guia da homilia que o Cardeal Ratzinger dirigiu ao mundo inteiro durante as exéquias do Santo Padre. Uma palavra que narra a missão de João Paulo II e ao mesmo tempo uma exortação que alcança todas as pessoas. "Segue-me!". Juntamente com o mandamento de apascentar o seu rebanho, Cristo anunciou a Pedro o seu martírio são as palavras urgentes do Cardeal Ratzinger na sua vibrante e comovida homilia exequial. Com esta palavra que constitui ao mesmo tempo a conclusão e o resumo do diálogo sobre o amor e o mandato de pastor universal, o Senhor recorda outro diálogo, feito no contexto da última ceia. (...)

Na vigília da sua eleição para o Sólido Pontifício, na manhã de segunda-feira, 18 de Abril, na Basílica Vaticana, celebrou a Santa Missa "pro eligendo Romano Pontefice" com os Cardeais eleitores, poucas horas antes do início do Conclave que o teria eleito. (...) "O nosso ministério recordou ao concluir é um dom de Cristo aos homens, para construir o seu corpo, o novo mundo. Vivemos o nosso ministério assim, como dom de Cristo aos homens! Mas nesta hora, sobretudo, rezamos com insistência ao Senhor, para que depois do grande dom do Papa João Paulo II, nos conceda de novo um pastor segundo o seu coração, um pastor que nos guie ao conhecimento de Cristo, ao seu amor, à alegria verdadeira".

Fonte: Vaticano/ L'Osservatore Romano

O TESTAMENTO ESPIRITUAL DE BENTO XVI



@ VATICAN MEDIA

29 de agosto de 2006

O meu testamento espiritual

Se nesta tarda hora da minha vida olho para as décadas que percorri, como primeira coisa vejo quantas razões tenho para agradecer. Agradeço antes de tudo ao próprio Deus, o dispensador de todo bom dom, que me doou a vida e me guiou através de vários momentos de confusão; levantando-me sempre toda vez que começava a escorregar e dando-me sempre novamente a luz da sua face. Retrospectivamente vejo e compreendo que mesmo os trechos obscuros e cansativos deste caminho foram para a minha salvação e que justamente neles Ele me guiou bem.

Agradeço aos meus pais, que me doaram a vida num tempo difícil e que, a custa de grandes sacrifícios, com o seu amor me prepararam uma magnífica morada que, com sua clara luz, ilumina todos os meus dias até hoje. A lúcida fé de meu pai me ensinou a nós, filhos, a crer, e como indicador sempre foi firme em meio a todas as minhas aquisições científicas; a profunda devoção e a grande bondade de minha mãe representam uma herança à qual jamais poderei agradecer suficientemente. Minha irmã me assistiu por décadas de maneira desinteressada e com afetuoso cuidado; meu irmão, com a lucidez dos seus juízos e a sua vigorosa determina-

ção, sempre me abriu o caminho; sem este seu contínuo preceder-me e acompanhar-me, não poderia ter encontrado o caminho justo.

De coração agradeço a Deus pelos muitos amigos, homens e mulheres, que Ele sempre colocou ao meu lado; pelos colaboradores em todas as etapas do meu caminho; pelos mestres e os estudantes que Ele me deu. Agradecido, confio a todos à Sua bondade. E quero agradecer ao Senhor pela minha bela pátria nos pré-alpes bávaros, na qual sempre vi transparecer o esplendor do próprio Criador. Agradeço às pessoas da minha pátria, porque nelas pude sempre experimentar de novo a beleza da fé. Rezo para que a nossa terra permaneça uma terra de fé e vos peço, queridos compatriotas: não vos distraiais da fé. E finalmente agradeço a Deus por todo o belo que pude experimentar em todas as etapas do meu caminho, especialmente, porém, em Roma e na Itália, que se tornou a minha segunda pátria. A todos aqueles que de algum modo tenha cometido um erro, peço perdão de coração.

Aquilo que antes disse aos meus compatriotas, o digo agora a todos aqueles que na Igreja foram confiados ao meu serviço: permaneci firmes na fé! Não vos deixeis confundir! Com frequência, parece que a ciência – as ciências naturais de um lado e a pesquisa histórica (em particular a exegese da Sagrada Escritura) de outro — seja capaz de oferecer resultados irrefutáveis em contraste com a fé católi-

ca. Vi as transformações das ciências naturais desde tempos remotos e pude constatar como, ao contrário, tenham desaparecido aparentes certezas contra a fé, demonstrando-se ser não ciência, mas interpretações filosóficas somente aparentemente incumbentes à ciência; assim como, por outro lado, é no diálogo com as ciências naturais que também a fé aprendeu a compreender melhor o limite do alcance de suas afirmações e, portanto, a sua especificidade. São pelo menos 60 anos que acompanho o caminho da Teologia, em especial das Ciências Bíblicas, e com o subseguir-se das várias gerações vi ruir teses que pareciam inabaláveis, demonstrando-se serem simples hipóteses: a geração liberal (Harnack, Jülicher ecc.), a geração existencialista (Bultmann ecc.), a geração marxista. Vi e vejo como do emaranhado das hipóteses tenha emergido e emerge novamente a razoabilidade da fé. Jesus Cristo é realmente o caminho, a verdade e a vida — e a Igreja, com todas as suas insuficiências, é realmente o Seu corpo.

Por fim, peço humildemente: rezem por mim assim que o Senhor, não obstante todos os meus pecados e insuficiências, me acolher nas moradas eternas. A todos aqueles que me são confiados, dia após dia, vai de coração a minha oração,

Benedictus PP XVI

"Bento, uma vida passada ao encontro do rosto de Jesus"

O ex-porta-voz de Bento XVI, Federico Lombardi, Presidente da Fundação do Vaticano Joseph Ratzinger-Benedict XVI, traça um perfil de Joseph Ratzinger e de sua extraordinária missão centrada na fé em Cristo em artigo para a Vatican News.



© VATICAN NEWS

"Em breve me encontrarei enfrentando o juiz final da minha vida. Mesmo que olhando para trás em minha longa vida eu possa ter tantos motivos para temer e temer, ainda assim estou com o coração feliz porque confio firmemente que o Senhor não é apenas o juiz justo, mas ao mesmo tempo o amigo e irmão que já sofreu com minhas deficiências e, portanto, como juiz, é ao mesmo tempo meu advogado. Em vista da hora do julgamento, a graça de ser cristão torna-se clara para mim. Ser cristão me dá conhecimento, além disso, amizade com o juiz da minha vida e me permite cruzar a porta escura da morte com confiança. A este respeito, vem-nos constantemente à memória aquilo que João narra no início do Apocalipse: ele vê o Filho do homem em toda a sua grandeza e cai em plenitude como morto. Mas ele, colocando a mão direita sobre ele, diz-lhe: 'Não seque! Sou eu...' (cf. Ap 1,12-17)». Assim escreveu Bento XVI em sua última carta, datada de 6 de fevereiro, ao final de dolorosas jornadas "de exame de consciência e reflexão" sobre as críticas que lhe foram feitas por uma história de abusos quando era arcebispo de Múnaco, mais de 40 anos antes.

Finalmente chegou o momento do encontro com o Senhor. Certamente não se pode dizer que foi inesperado e que nosso grande ancião chegou despreparado. Se o seu predecessor nos deu um precioso e inesquecível testemunho de como viver na fé uma dolorosa doença progressiva até a morte, Bento XVI nos deu um belo testemunho de como viver na fé a crescente fragilidade da velhice por muitos anos até o fim. O fato de ter renunciado ao papado no momento oportuno permitiu a ele - e a nós com ele - trilhar esse caminho com muita serenidade.

Teve o dom de completar o seu caminho com a mente lúcida, aproximando-se com plena consciência daquelas "realidades últimas" sobre as quais teve a coragem de pensar e falar como poucos, graças à fé recebida e vivida. Tanto como teólogo quanto como papa, ele nos falou sobre

isso de maneira profunda, crível e convincente. As suas páginas e as suas palavras sobre a escatologia, a sua encíclica sobre a esperança continuam a ser um dom para a Igreja que a sua oração silenciosa selou nos longos anos de retiro "na montanha".

Entre as tantas coisas que podem ser lembradas sobre seu pontificado, a que honestamente me pareceu e continua a me parecer a mais extraordinária foi que naqueles mesmos anos ele conseguiu escrever e completar sua trilogia sobre Jesus. Como poderia um papa, com as responsabilidades e preocupações da Igreja universal, que efetivamente carregava sobre os ombros, conseguir escrever uma obra como aquela? Certamente, foi o resultado de uma vida inteira de reflexão e pesquisa. Mas, sem dúvida, a paixão interior, a motivação deve ter sido formidável. Suas páginas saíram da pena de um estudioso, mas ao mesmo tempo de um crente que dedicou sua vida a buscar o encontro com o rosto de Jesus e que viu nisso ao mesmo tempo a realização de sua vocação e de seu serviço para os outros.

Neste sentido, embora compreenda bem porque deixou claro que aquela obra não devia ser considerada "magistério pontifício", continuo a pensar que é parte essencial do seu testemunho de serviço como papa, isto é, como crente que reconhece em Jesus o Filho de Deus, e em cuja fé podemos continuar a apoiar a nossa também. Nesse sentido, não posso considerar que o momento da decisão de renunciar ao papado, ou seja, o verão de 2012, coincida com o da conclusão da trilogia sobre Jesus. Tempo de cumprimento de uma missão centrada na fé em Jesus Cristo.

Não há dúvida de que o pontificado de Bento XVI se caracterizou mais por seu magistério do que por ação governamental. "Eu bem sabia que a minha força - se é que a tinha - era a de apresentar a fé de modo adequado à cultura do nosso tempo" (...). Uma fé sempre em diálogo com a razão, uma fé racional; uma razão aberta à fé. O Papa Ratzinger foi justamente respeitado por quem vive atento aos movimentos do pensamento

e do espírito e procura ler os acontecimentos no seu sentido mais profundo e duradouro, sem se deter na superfície dos acontecimentos e das mudanças. Não é à toa que alguns de seus grandes discursos diante de platéias não só da Igreja, mas de representantes de toda a sociedade, em Londres, em Berlim ficaram gravados na memória... Ele não tinha medo de enfrentar ideias diferentes e posições, olhou com lealdade e clarividência para as grandes questões, para o ofuscamento da presença de Deus no horizonte da humanidade contemporânea, para as questões sobre o futuro da Igreja, especialmente no seu país e na Europa. E procurava enfrentar os problemas honestamente, sem fugir deles mesmo que fossem dramáticos; mas a fé e a compreensão da fé permitiram-lhe encontrar sempre uma perspectiva de esperança.

As proezas intelectuais e culturais de Joseph Ratzinger são conhecidas demais para que precisemos repetir seus elogios. João Paulo II foi quem soube compreendê-la e valorizá-la para a Igreja universal. Durante 24 anos dos 26 do pontificado de seu predecessor, Ratzinger foi prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Duas personalidades diferentes mas - permitam-me dizê-lo - uma "combinação formidável". O ilimitado pontificado do Papa Wojtyła não pode ser pensado adequadamente, do ponto de vista doutrinário, sem a presença do Cardeal Ratzinger e a confiança nele depositada, na sua teologia eclesial, na amplitude e equilíbrio do seu pensamento. Servir a unidade de fé da Igreja nas décadas seguintes ao Concílio Vaticano II, enfrentando as tensões e desafios da época no diálogo com o judaísmo, no ecumenismo, no diálogo com outras religiões, no confronto com o marxismo, no contexto da secularização e da transformação da a visão do homem e da sexualidade... podendo propor uma ampla e harmoniosa síntese doutrinária como a do Catecismo da Igreja Católica, acolhida pela grande maioria da comunidade eclesial com inesperado consenso, para levar esta comunidade a atravessar no limiar do terceiro milênio sentindo-se portador de uma mensagem de salvação para a humanidade...

Na realidade, aquela longuíssima e extraordinária colaboração foi a preparação para o pontificado de Bento XVI, visto pelos cardeais como o mais idóneo continuador e sucessor da obra do Papa Wojtyła. Um olhar de conjunto sobre o itinerário de Joseph Ratzinger não escapa - pelo contrário, impressiona - a continuidade de seu leitmotiv e ao mesmo tempo a progressiva ampliação do horizonte de seu serviço.

A vocação de Joseph Ratzinger foi desde o início uma vocação sacerdotal, ao mesmo tempo ao estudo teológico e ao serviço litúrgico

e pastoral. Progride nas suas várias etapas, desde o seminário até às primeiras experiências pastorais e ao ensino universitário; depois o horizonte tem uma primeira grande ampliação para a experiência da Igreja universal com a participação no Concílio e a relação com os grandes teólogos da época; depois volta à atividade acadêmica de estudo teológico, mas sempre no centro do debate e da experiência eclesial; depois se expande novamente no serviço pastoral da grande arquidiocese de Múnaco; passa definitivamente ao serviço da Igreja universal com a chamada a Roma para guiar a Doutrina da Fé; enfim, um novo chamado o conduz ao governo de toda a comunidade da Igreja. O horizonte tornou-se total não só para o pensamento, mas também para o serviço sacerdotal e pastoral. Servir toda a comunidade da Igreja, conduzindo-a com inteligência pelos caminhos do nosso tempo, salvaguardar a unidade e a genuinidade da sua fé. O lema escolhido por ocasião da ordenação episcopal, "Colaboradores da verdade" (3 João, 8), exprime muito bem todo o fio condutor da vida e da vocação de Joseph Ratzinger, se compreendermos que para ele a verdade não era de forma alguma um conjunto de conceitos abstratos, mas foi incorporado na pessoa de Jesus Cristo.

O pontificado de Bento XVI é e será comumente lembrado também como um pontificado marcado por tempos de crise e dificuldade. É verdade e não seria justo ignorar este aspecto. Mas deve ser visto e avaliado não superficialmente. Quanto às críticas e oposições internas ou externas, ele mesmo lembrou com um sorriso que vários outros papas tiveram que enfrentar momentos e situações muito mais dramáticas. Sem precisar voltar às perseguições dos primeiros séculos, bastava pensar em Pio IX ou Bento XV, quando condenava o "massacre inútil", ou nas situações dos papas durante as guerras mundiais. Portanto, ele não se considerava um mártir. Nenhum papa pode imaginar não encontrar críticas, dificuldades e tensões. Isso não quer dizer que, se necessário, ele soubesse reagir às críticas com vivacidade e decisão, como aconteceu com a inesquecível Carta escrita aos Bispos em 2009, após a história da remissão da excomunhão dos lefebrianos e do "Williamson caso"; uma carta apaixonada da qual seu secretário me comentou que expressava "Ratzinger em seu estado puro".

Mas aquela que foi a cruz mais pesada de seu pontificado, cuja gravidade já havia começado a perceber durante o período que passou na Doutrina da Fé e que continua a se manifestar como uma prova e um desafio para a Igreja de significado histórico, é a história do abuso sexual. Isso também tem sido motivo de críticas e ataques pessoais a ele até os últimos anos, portanto

também de profundo sofrimento. Tendo estado também muito envolvido nestes temas durante o seu pontificado, estou firmemente convencido de que ele viu a gravidade dos problemas cada vez com mais lucidez e teve grandes méritos em abordá-los com amplitude e profundidade de visão nas suas várias dimensões: escuta das vítimas, rigor na busca da justiça diante de crimes, curando feridas, estabelecendo regras e procedimentos apropriados, treinando e prevenindo danos. Foi apenas o início de uma longa caminhada, mas nas direções certas e com muita humildade. Bento nunca se preocupou com uma "imagem" de si mesmo ou da Igreja que não correspondesse à verdade. E mesmo neste campo ele sempre se moveu na perspectiva de um homem de fé. Além das medidas pastorais ou jurídicas necessárias para enfrentar o mal em suas manifestações, ele sentiu o terrível e misterioso poder do mal e a necessidade de apelar à graça para não nos deixar esmagar pelo desespero e encontrar o caminho da cura, da conversão, penitência, purificação, de que o povo, a Igreja e a sociedade precisam.

Quando me pediram para recordar brevemente, com um episódio, a história do pontificado de Bento XVI, recordei a vigília de oração durante a Jornada Mundial da Juventude em Madrid, em 2011, na grande esplanada do aeroporto Cuatro vientos, na qual cerca de um milhão de jovens participaram. Já era noite, a escuridão se adensava quando o Papa começou seu discurso. A certa altura houve um verdadeiro furacão de chuva e vento. Os sistemas de iluminação e som quebraram e muitas das tendas na beira da esplanada desabaram. A situação era realmente dramática. O papa foi convidado por seus colaboradores a se afastar e se abrigar, mas não quis. Permaneceu paciente e corajosamente sentado em seu assento no palco aberto, protegido por um simples guarda-chuva balançando ao vento. Toda a imensa assembléia seguiu seu exemplo, com confiança e paciência. Depois de algum tempo a tempestade acalmou, a chuva parou e uma grande calma completamente inesperada se instalou. As plantas voltaram a funcionar. O Papa terminou seu discurso e o maravilhoso ostensório da catedral de Toledo foi levado ao centro do palco para a adoração eucarística. O Papa ajoelhou-se em silêncio diante do Santíssimo Sacramento e atrás dele, na escuridão, a imensa assembléia unida em oração por um longo tempo em absoluta calma.

Em certo sentido, esta pode permanecer a imagem não só do pontificado, mas também da vida de Joseph Ratzinger e da meta do seu caminho. Enquanto ele agora entra em silêncio definitivo diante do Senhor, também nós continuamos a sentir atrás dele e com ele.